

DIACONISA DORACI EDINGER: MINISTÉRIO COM OS POBRES DA ÁFRICA

O último ano de ministério: 2003

O trabalho da Irmã Doraci concentra-se no Distrito Norte (divisão eclesiástica), mas ela também visita várias congregações nos outros dois Distritos: Centro e Sul.

Visto a Irmã dirigir um carro Toyota, doação da sua Igreja no Brasil, ela tem a possibilidade de visitar as populações no interior do país. Objetivo principal das suas visitas: Consolar as pessoas em seu sofrimento, mostrando-lhes mediante ações concretas que Deus as ama e que podemos nos fortalecer mutuamente como cristãos. As preocupações principais no seu trabalho são: a espiritualidade, a educação e a saúde.

Espiritualidade:

Doraci ajudou as congregações na organização e realização dos cultos, distribuindo material litúrgico, Bíblias, Catecismos, bem como as referências bíblicas para leitura e pregação para todo o ano. Também animou para a evangelização e formação de novos pontos de pregação e orientou a construção de capelas. Com os responsáveis pelos cultos nas diversas Congregações fazia "treinamento de liturgia". Uma de suas grandes preocupações foi a educação das crianças na fé cristã. Realizou vários Seminários para a formação de Orientadores de Culto Infantil, além de Encontros com os Orientadores já existentes. No ano de 2003 também realizou um Encontro com 10 casais que queriam receber a Bênção Matrimonial.

Educação:

Visto que o analfabetismo ainda é muito grande em Moçambique, principalmente entre as mulheres, e que faltam escolas para as crianças, Doraci empenhou-se por melhores condições na área da educação. Incentivou a alfabetização de adultos. Para isso foi necessário escolher uma pessoa para ser o professor e construir uma sala de aula ao lado da capela. Ela contribuiu, comprando e levando um quadro verde, giz e outros materiais. Cinco Congregações foram beneficiadas desta forma. A maioria dos alunos foi mulheres.

Em uma comunidade foi construída uma escola com quatro salas de aula. Foi a realização de um antigo sonho da Irmã Doraci. A primeira construção não durou, pois foi destruída pelo Ciclone Delfina. Mas a população não desanimou, construiu novamente. Com doações vindas do Brasil e investindo do seu próprio salário, Doraci comprou as chapas de zinco, os pregos, o cimento e as tintas, pagou o pedreiro que cimentou as paredes e o chão. Também pagou o serrador que fez as tábuas para as portas e janelas. O Governo oficializou a escola, designando dois professores.

Um outro projeto foi a realização de um curso de fabricação de tijolos, do qual participaram 100 homens e mulheres de sete congregações. Para isso a Irmã Doraci havia contratado especialistas em fabricação de tijolos. É importante saber que no interior, a grande maioria das casas (também as capelas) é construída usando-se apenas postes, barro e capim.

Saúde:

Escreve Irmã Doraci: "A maior preocupação é a situação da saúde. A população de Moma, por exemplo, percorre 30 km para chegar ao primeiro Posto de Saúde. E ali o atendimento ainda é precário. Quem mais sofre são as mulheres gestantes. Quando chega a hora do parto e as coisas complicam, umas morrem em casa, outras ganham o bebê pelo caminho, outras morrem até mesmo no hospital, por chegarem tarde demais. Malária, verminose, feridas, diarreias, anemia e febres são males que afetam a população. Tenho sempre alguns medicamentos comigo, mas isso é como ½ gota de água no Oceano, o que me angustia muito."

Para amenizar a situação, Irmã Doraci tem incentivado a formação de hortas comunitárias. Ela leva sementes e, se necessário, enxadas e facões. Ela também realiza Seminários de Saúde. As ênfases nestes seminários são: o estudo das doenças, a saúde comunitária, a fábrica de medicamentos caseiros, a plantação de hortaliças. Toda esta dedicação da Irmã levou a um crescimento muito grande da Igreja. No início do seu trabalho, em 1998, havia no Distrito Norte 6 Congregações. Em fins de 2003, o número havia crescido para 28. As pessoas deixam suas crenças primitivas e querem o batismo cristão, porque sentem que são amadas.

Relatado pela Irmã Ruthild Brakemeier (diaconisa e mestra da Irmandade Sophie Zink).

As bênçãos, quatro meses antes de morrer.

420 novos membros luteranos em 14 dias. Sim, não se trata de um erro de impressão. Foi em maio deste ano (2003), que Irmã Doraci me contou ao telefone, que o pastor missionário da Alemanha, antes de despedir-se do país, visitou algumas congregações na área em que ela atua e, ao realizar vários cultos, batizou um total de 420 pessoas.

Inédito? Para Moçambique nem tanto. Já houve outros cultos com centenas de batismos. Acontece que, com o trabalho que Irmã Doraci vem realizando como diaconisa nas províncias do norte, as pessoas sentem o carinho de uma Igreja - neste caso a IECLB - e, por isso, querem fazer parte dela.

O que faz a Diaconisa Doraci Edinger em Moçambique? Há pouco falei outra vez com ela ao telefone e ela me contou:

Acabei de voltar de uma viagem à Paróquia de Moma, onde inauguramos uma nova capela. Foi um acontecimento muito bonito, mesmo sem pastor presente. Mas também voltei com o coração pesado. O ciclone e as enchentes do início do ano, fizeram muitos estragos nas plantações. O aipim e o amendoim apodreceram na terra e agora as pessoas estão literalmente morrendo de fome. A malária também aumentou. Levei um monte de remédio, mas ele logo acabou. O que vale é que o pessoal está animado no preparo da terra para o novo plantio. Levei muitas sementes.

Nos próximos dias Doraci pretende visitar mais uma vez as Congregações na Província da Zambézia. É uma viagem de uns 700 km. Ela já não queria mais viajar para tão longe. Mas as pessoas estão pedindo por sua visita. Há um tempo atrás, faleceu o líder destas Congregações, que foi o primeiro luterano da região. Ainda agora estão chorando sua morte, porque sem ele, se sentem desolados e desorientados. Por enquanto, nenhum pastor foi lá. Mas alguém disse: *Se nós pedirmos à Irmã, ela vem!* Isto tocou profundamente o coração da Doraci. Por isso ela vai mais uma vez. Que bom que ela tem um carro, doado pelas Comunidades da IECLB, com o qual pode ir aos lugares mais retirados!

A seara em Moçambique é enorme - e os trabalhadores são pouquíssimos! Mas também são pouquíssimos os recursos financeiros disponíveis. Com o dinheiro de doações, vindas do Brasil (via IECLB), Irmã Doraci conseguiu comprar algumas chapas de zinco para que na Paróquia de Moma, que é composta por quase 20 Congregações, pudesse surgir uma Escola oficial. Informalmente, as crianças eram congregadas debaixo de uma árvore. Agora, por intermédio da Diaconisa, também conseguiram um quadro-negro. Doraci diz que há grande alegria entre as mulheres que ali também podem aprender a ler e escrever. A atual escola já tem paredes e um teto sólido. Só faltam ainda as janelas e a porta. O próximo grande sonho é a instalação de um Posto de Saúde nesta região.

Relatado pela Irmã Ruthild Brakemeier (diaconisa e mestra da Irmandade Sophie Zink) em outubro de 2003.

Um exemplo de amor e abnegação

“Jesus disse a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.” (Mc 8.34)

A Diaconisa Doraci ouviu e atendeu este chamado de Deus. Ela tomou sobre si a sua cruz e procurou ser fiel a quem a chamou, até a morte. É possível que poucas pessoas sejam tão ousadas no amor a Deus e às pessoas quanto Doraci o foi. Somos gratas pelo testemunho de vida que ela deixou.

Já na adolescência, Deus colocou no coração de Doraci o desejo de ajudar pessoas em suas necessidades. Não lhe bastava ser operária numa fábrica de calçados em Novo Hamburgo. Ela desejava colocar-se totalmente a serviço de Deus e dos pequeninos irmãos e irmãs de Jesus. Por isso veio estudar no Seminário Bíblico-Diaconal da Casa Matriz de Diaconisas. Ao candidatar-se para a formação diaconal, escreve que a sua vida não havia sido fácil, “mas foi bom, porque assim aprendi a me colocar no lugar de outras pessoas que muitas vezes passam pelos mesmos problemas, ou parecidos, e posso sentir a mesma dor que o outro está sentindo”.

Fazer a vontade de Deus foi o objetivo que irmã Doraci perseguiu até o fim de sua vida. Uma colega do seu tempo de estudo, hoje diácona, escreveu: “Doraci era um pouco mais velha que eu e, às vezes, eu ficava olhando para ela e pensava: Como uma pessoa pode ter tanta fé? (...) Outra coisa que eu, na época, ficava intrigada era esta entrega para os que tinham menos, os injustiçados, crianças em situação de risco, os pobres. Era seu jeito de viver “diaconia”.

Concluída a formação diaconal, Doraci ingressa na Irmandade da IECLB. No culto de sua Ordenação para o Ministério Diaconal, recebe como lema uma palavra de João 10.14: “Eu sou o bom Pastor.” Esta palavra a acompanhou em sua vida e ministério.

Terminado o curso de Auxiliar de Enfermagem, candidata-se para atuar nas então novas áreas de colonização. Trabalhou em Rondônia, Mato Grosso e Amazonas. Aventurou-se nas linhas, de jipe, andou por trilhas perigosas, para dar apoio aos pequenos agricultores. Cuidou da saúde das pessoas, pois havia muita malária e outras doenças na Região. Doraci mesma teve muitas malárias, - no Brasil e em Moçambique - mas permaneceu firme no seu propósito de ajudar a quem dela precisasse.

Para o trabalho com as tribos indígenas fez cursos de fitoterapia, de chás e ervas, pois desejava ajudar as pessoas com recursos naturais. Aprendeu muito com os próprios índios.

Quando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil decidiu enviar à Igreja parceira em Moçambique uma obreira diaconal, integrando assim missão e diaconia, Doraci não hesitou: dispôs-se a ir para lá. O trabalho foi árduo. Os dialetos dificultavam a comunicação e, desde o início, havia muitos problemas ligados à situação do país. Contudo, a irmã condoia-se ao ver tanta doença: malária, Aids, tuberculose, etc., ao ver que o povo não tinha acesso à educação, que lhe falta condições básicas de vida. Nas aldeias, no interior de Moçambique, Doraci lutou por melhorias na área da saúde. Ensinou a fazer hortas, a preparar e a comer verduras, viabilizou a feitura de poços, empenhou-se na busca de educação, enfim, lutou para que este povo tivesse vida um pouco mais digna.

Obreiros que estiveram com ela em Moçambique, disseram: “Doraci era muito feliz quando estava com o povo nas aldeias, quando percebia o amor, a gratidão desta gente, o apoio que lhe davam no trabalho, quando sentia a vontade deles de viver e conhecer mais o evangelho de Jesus Cristo”. Nas congregações, era recebida com muita alegria, com danças e cantos. Doraci sabia que ela era mensageira de Deus no meio daquele povo africano, para animar, alimentar, aliviar sofrimento, salvar e curar vidas. Sabia que estava ajudando as pessoas a conhecerem o amor de Deus.

Desde o início esta diaconisa enfrentou muitas dificuldades naquele país, inclusive ameaças diversas. Contudo, o seu amor a Deus e a este povo fez com que ela permanecesse lá. Numa correspondência admite: “Há dificuldades, mas as vitórias são maiores. Sou muito grata a Deus por ter resistido às tempestades e ter continuado aqui.”

A missão de Irmã Doraci, em Moçambique, terminaria em julho deste ano e ela havia decidido voltar ao Brasil, mas queria ter a certeza de que outra pessoa continuaria este trabalho junto ao povo.

A Igreja de Jesus Cristo neste mundo perdeu tragicamente uma fiel servidora. Que o testemunho de vida, que a cruz que Doraci procurou carregar com fidelidade até o seu fim, possa nos desacomodar de nossa inércia. Que possamos tomar a nossa cruz e colocar sinais de amor, de esperança, de paz com justiça no contexto onde nós vivemos e atuamos.

Testemunho de Gisela Beulke, Diaconisa da Irmandade da IECLB.

Moçambique – um país doente.

Quando visitei a Irmã Doraci Edinger em Moçambique, em novembro de 2002, ela me deu a foto da plantação de repolho e me disse com grande alegria: "Tem hortas com mais de 300 cabeças de repolho!"

Doraci trabalha como obreira diaconisa da IECLB, desde 1998 no norte de Moçambique e uma de suas atividades é levar sementes de verdura, ou mudas de coqueiro e cajueiro aos membros das comunidades, para assim diminuir sua carência de alimentos.

Moçambique é um dos países mais pobres e subdesenvolvidos do mundo. Isto se entende a partir de sua história: quando, em 1974, deixou de ser colônia portuguesa, iniciou a guerra civil, entre o partido da direita e da esquerda, que durou até 1992. Só então o povo negro pôde iniciar com a construção do seu país, a começar pela alfabetização.

O que mais choca é ouvir o quanto este povo está doente. Conforme informações oficiais da Cruz Vermelha, 700 pessoas são infectadas diariamente pelo vírus HIV e, do total de africanos infectados, 16% são moçambicanos.

Porém, o único flagelo não é a AIDS. Ao seu lado está a malária. No ano de 2000 morreram duas mil pessoas em consequência de malária e a incidência de casos havia aumentado em 99% em relação ao ano anterior. Em uma única região haviam sido registrados 7 mil novos casos em quatro meses.

Não se tem um registro exato dos casos, porque muitas pessoas não se apresentam às instâncias sanitárias, por falta de dinheiro. Ainda não existe um Sistema Único de Saúde (SUS), como no Brasil, que oferece gratuidade para exames, ou distribui remédios. Por isso, para quem não tem dinheiro, não há tratamento.

A Cruz Vermelha está atuando no país, mas também não tem muitos recursos. Um trabalho importante que ela faz é visitar as comunidades, preparando voluntários e voluntárias como "ativistas", para passar informações sobre transmissão de doenças, primeiros socorros e saneamento básico.

Irmã Doraci trabalha em parceria com a Cruz Vermelha, mas também de forma independente, levando remédio contra a malária, incentivando e ajudando a população a abrirem poços de água potável, plantarem alimentos e a não desanimarem em sua luta de sobrevivência. Com o seu carro já salvou a vida de gestantes e outros doentes, que não teriam agüentado a caminhada, ou a viagem na garupa duma bicicleta, até o Posto de Saúde mais próximo.

Relato feito antes da morte de Doraci pela Irmã Ruthild Brakemeier (diaconisa e mestra da Irmandade Sophie Zink).